

O dia-a-dia da Polisário há 40 anos pelo primeiro repórter português na RASD

Luís Alberto Ferreira*

pp. 211-219

Na década de 70 do século passado, já a Polisário, braço armado da tenaz determinação do povo da RASD – rumo à independência nacional – desconcertava os jornalistas estrangeiros com a coragem física e moral dos seus quotidianos. As ministras vestiam de negro. Certa noite de Agosto de 1978, o líder da Frente Polisário, secretário-geral Mohamed Abdelaziz, sabedor da presença, nos acampamentos, de dois repórteres convidados, abandonou a sua misteriosa alcáçova para uma conversa em pleno deserto, esmaltada de memoráveis detalhes.

A experiência começou, em Argel, numa madrugada de Agosto de 1978. Dois jovens militantes da Frente Polisário foram buscar-me ao hotel que me alojava, no litoral periférico de Argel, em Sidi Fredj, portinho ameno e, por vezes, chamativo – ali decorria uma das mais animadas lotas dos fins-de-semana. Mahmoud e Nasser, quadros auxiliares da representação política da Polisário na capital argelina, foram de uma pontualidade inexecedível. Às 4 da manhã, sentado na zona de receção do hotel, vi-os chegar a bordo de um pequeno e modesto automóvel.

A Frente Polisário, de implantação recente, atribuía aos jornalistas visitantes dos seus acampamentos, no deserto do Sahara, uma enorme relevância. Os visitantes abrangiam um largo espectro geopolítico. Desta feita, os convidados éramos eu, com o semanário *Expresso* à minha espera, e um muito jovem e corajoso repórter senegalês, Latif Guyé, alto, magro, de cálida simpatia humana. Latif trabalhava, em Dakar, na Redacção do semanário “*Taxaw*”. Um jornal de combate que travava uma luta arriscada e tenaz contra a mal disfarçada face ditatorial do regime “democrático” do presidente da República Léopold Sedar Senghor.

Esta seria uma caudalosa constante nas conversas que eu e Latif iríamos sustentar ao longo dos muitos dias que nos aguardavam no deserto.

* Jornalista português muito prestigiado internacionalmente pelas suas reportagens, sobretudo nos países de língua portuguesa em África e por toda a América Latina. Ficaram para a história, entre outras, as coberturas jornalísticas que efetuou em 1975, para a RTP, da guerra civil angolana no eixo Lobito-Huambo e na batalha entre o exército da África do Sul e as tropas cubanas nas províncias de Benguela e Quanza Norte. Em 1996, no México, conseguiu alcançar para o JN a Selva Lacandona de Chiapas, bastião guerrilheiro do Exército Zapatista de Libertação Nacional, entrevistando os seus comandantes “Marcos”, “Tacho” e “Moisés”. Em Bissau, entre 1978 e 87, ao abrigo dos primeiros acordos de cooperação profissional pós-25 de Abril, acompanhou nos planos editorial e de formação o jornal *Nô Pintcha* e a Rádio Nacional da Guiné. Em 2001, as suas crónicas para o DN enviadas de Carachi, Lahor e Peshawar, no Paquistão, e da «Estrada da Morte» (Jalalabad) no Afeganistão, mereceram referências além-fronteiras. Das entrevistas que publicou ao longo da sua valiosa carreira destaca-se ainda o valor histórico dos trabalhos com Juana Maria Villa, única filha sobrevivente do mítico Pancho Villa (figura primordial da Revolução Mexicana iniciada em 1910), com a viúva de Emiliano Zapata – Petra Portillo Torres –, e com João Bernardo Vieira “Nino”, figura incontornável da história da Guiné Bissau e de África.

Uma experiência única. Vivida sob calor infernal, refeições baseadas no sacrossanto cuscuz, ervilhas enlatadas e carne de camelo. Eu, desconfiado, e agindo à socapa, rejeitei sempre a carne do utilíssimo quadrúpede ruminante, tão emblemático do imenso deserto. A água – para beber – pouco ou nada confiável. Deslocações a pontos remotos do Sahara. Participação em incursões dos guerrilheiros da Polisário. Encontros inusitados com caravanas de tuaregues. Visitas aos campos de concentração dos prisioneiros marroquinos e mauritanos. Ponto rubro dessa admirável sucessão: uma *misteriosa*, densa, críptica entrevista noturna com o líder dos saharianos em luta pela independência nacional da RASD. Mohamed Abdelaziz. Um sábio da historicidade, das raízes matriciais do seu povo. Contava, então, o conspícuo Abdelaziz, 31 anos de idade! O processo de descolonização do Sahara Ocidental havia sido interrompido em 1976, quando a Espanha, ocupante colonial, de forma esquívota e mal-intencionada, abandonou o território, deixando-o à mercê das vontades perversas de Marrocos e Mauritânia.

“On parle français”

À porta do hotel em Argel, na Rua Hassiba Ben Bouali, ficou explícito que nós, os dois repórteres a caminho de uma experiência inolvidável, iríamos entender-nos em francês. Nenhum conflito com a língua de Malraux. Sendo assim, mãos à obra, após a apresentação, tarefa de Mahmoud e Nasser, os dois jovens ativistas da Polisário.

Estabelecida a empatia, pergunta-me Latif: “Tu confias *nisto*? Não tens medo? Vamos para o deserto, ao encontro de desconhecidos...”. Uma breve e esconsa “troca de impressões”. Murmúrios à revelia dos dois elementos da Frente Polisário que iriam conosco, num avião argelino, para Tindouf, lá onde a faixa desértica do Sahara começa e promete. A cidade, 1460 quilómetros a sudoeste de Argel, vista do ar é um *espanto*: casas de barro vermelho entre palmeiras calcinadas pelas altas temperaturas. Não descortinámos, lá do alto, uma única pessoa a transitar nas ruas de Tindouf. Ali, no extremo sudoeste da Argélia e limitando a Ocidente com Marrocos, “o inimigo” – as chuvas anuais não chegam aos 200 milímetros.

Mal aterrámos, empunhámos as respetivas máquinas fotográficas. De imediato, dois militares argelinos interpelaram-nos com uma categórica advertência: “Isto é uma base aérea militar em território da Argélia. Fotografias, nem pensar...”. Escassos segundos depois estávamos ambos rodeados de quatro desconhecidos, malta jovem, dois quadros políticos e outros dois integrantes da guerrilha da Polisário – os tais “desconhecidos” a quem, à entrada do deserto, iríamos confiar o destino de ambos. Quatro pessoas amáveis, de facto, mas algo reservadas.

A bordo de um todo-terreno, atacámos a área vestibular dos imensos areais. Seriam umas 3 horas da tarde. Longa marcha. Dunas e planuras. Horizontes inalcançáveis. Com o sol a morrer, primeira paragem: a hora das rezas e súplicas a Alá. Apeámo-nos todos. Os quatro jovens nacionalistas da RASD entregaram-se à oração, ajoelhados, enquanto eu e Latif, de pé, silenciosos, contemplávamos as lonjuras. Pensei em Marrocos e na Mauritânia. A marcha prosseguiria até à beira do anoitecer, quando chegámos ao escasso aglomerado de casas miseráveis e algumas tendas. O primeiro dos acampamentos na área mais próxima de Tindouf.

Novas caras. Brahim e Julián, falando castelhano, como os restantes – reflexo da colonização espanhola – ocuparam-se da receção. As novas caras procediam do campo de refugiados em Dakla. Estávamos cansados. Imperavam uns 40 graus... Instalados num quarto estreitíssimo, percebemos a ausência de lençóis, almofadas, toalhas... Eu e o meu colega senegalês muito escassa bagagem levávamos. A mais-valia traduzia-se em duas garrafas de

água de litro e meio e de marca francesa, cada um com a sua. Era a primeira noite. Horrível. Esquadrilhas de insetos voadores tornaram o sono impossível. Insetos minúsculos que “não deveríamos confundir com mosquitos”, advertência de Brahim. Insetos característicos do deserto. Não pregámos olho. Eu e o meu colega havíamos decidido evitar resmungos e queixumes...

“Eles vieram de Paris...”

Amanheceu e um estranho e lânguido otimismo veio ao nosso encontro: o termómetro, segundo o “polisário” Julian, acusava pouco mais de 33 graus. Escovámos os dentes e lavámo-nos à beira do poço, debaixo de uma palmeira esgalgada. O pequeno-almoço, paupérrimo: cuscuz. E água, tirada de um poço que não nos inspirava a mínima confiança. Apareceram mais quatro elementos da Frente. Apresentações. Explicaram-nos que estávamos não muito longe de El Aiún. Que outro acampamento, o de Gdeim Izik, “por enquanto” seria só “uma ideia, um projeto”. E explicaram-nos a agenda do dia: incursões na segunda zona civil do acampamento e “pesquisas” em pontos do “entroncamento”, no deserto, onde por norma havia um olheiro tuaregue ou de origem tuaregue, os impertérritos nómadas do Grande Sahara. Mahmoud, que nos recebera na Base Aérea de Tindouf, elogiou a nossa disponibilidade enquanto, no todo-terreno, avançávamos no coração de El Aiún.

O sol brilhava cada vez mais quando o guerrilheiro, secundado por Julián, nos contou: “Não há ainda uma semana, estiveram cá dois jornalistas vindos de Paris. Repórteres franceses. Eles vieram mesmo de Paris. Percebemos que eram ambos pessoas bem-intencionadas, motivadas para a nossa causa. Mas, coitados, não aguentaram. Fartaram-se. Enfim, o calor, a alimentação... Ao cabo de dois dias e meio, tivemos de contactar Argel. Eles queriam regressar a França. E foram-se embora, desculpando-se muito. Nós compreendemos...”.

Encontrámos um olheiro tuaregue, um berbere de cara azulada. Sentado num tosco banquinho. Com ele estiveram à conversa, em voz baixa, os “polisários” que nos escoltavam. Em torno do *homem azul* giravam, pachorrentas, três cabras. (Não havia ali o menor sinal de qualquer vegetação. Dir-se-ia que as cabras, esgaravando, com o seu ar paciente, pressentiam a existência de algo que escapasse à nossa perceção. Comentou, a propósito, Latif, bocejante: “Elas lá sabem... elas lá sabem...”). O certo é que, na imensidão do deserto, o *modus vivendi* dos tuaregues aparece como que inseparável dos seus, por vezes, grandes rebanhos indiferentes à rudeza da soalheira.

Regressámos ao acampamento. Depois do breve e seco almoço, decidimos ir dar uma volta. Cobrimo-nos com os dois lençóis brancos que nessa mesma manhã haviam chegado ao acampamento, enviados de Argel. Não havia nada para ver, além do fogaréu dos horizontes. Mas, ensaiados meia dúzia de passos, demos com umas ossadas de tamanho invulgar. À volta, sangue coalhado, que nos pareceu recente. “É a carcaça dos jornalistas de Paris... Coitados, morreram aqui...”, sugeriu o repórter de Dakar. E a mesmíssima piada repetiria ele, no regresso à tenda, diante dos guerrilheiros-ativistas Mahmoud, Nasser, Julián e Brahim: “Vocês enganaram a gente. Afinal, os nossos colegas franceses morreram aqui. Vimos aí perto as ossadas de ambos. Nós queremos ir já embora...”. Risota geral e, a seguir, “la siesta”, a soneca vespertina. Aflitiva, impossível, porque começava a escalada para os 45 ou 46 graus... sabia-se lá até aonde.

Estendemo-nos no solo de areia batida da tenda. A respiração, dificultosa. Cada vez mais. Eu levava comigo seis lenços, dos normais. Tinha, a meu lado, no solo, um púcaro de barro com água fresca do poço. Experimentei e... resultou: com um lenço encharcado, sobre o rosto, da testa aos lábios, a respiração fluía que era um regalo. E ia para adormecer quando

dei pelo “drama” de Latif: o senegalês, a despeito da sua rotina de altas temperaturas no Oeste Africano, estava em dificuldades, virava-se e revirava-se a cada instante. Ao inteirar-me, gritei-lhe: “Eh, pega num lenço, encharca-o em água e põe-no sobre o rosto...”. Azar dele: “Esqueci-me dos lenços na Rue Hassiba Ben Bouali” (a rua do seu hotel em Argel).

Detentor de seis lenços, não hesitei em ceder-lhe três, três mais três são seis, contas universais. Comovido, hesitou: “Não... não posso aceitar, são os *teus* lenços. São parte de ti mesmo, parte da tua alma, isso só entre irmãos...”, argumentou ele. Havia no seu discurso, senti eu, uma difusa religiosidade, o sagrado a imiscuir-se numa coisa tão simples. “Eu sou teu irmão, vai-te lixar”. Ato contínuo, ergui-me, encharquei um dos lenços e coloquei-o sobre o rosto, em lágrimas, do rapaz de Dakar. Ele, resignado, aceitou o gesto. Acalmou-se, respirou fundo. Os lenços, num ápice, secavam, imagine-se a temperatura. Encharcávamo-los, uma vez, e outra, outra, outra. Até que adormecemos.

Já o sol havia embarcado na nave fosforescente dos horizontes quando vi o meu companheiro, acordado pouco antes, debruçado, junto da sua mala, aberta. Vi-o tirar de lá uma espécie de túnica, um *bubú*, dizem os senegaleses – peça de vestuário que pode ser rudimentar, prática, ou *de luxo*. Aquele era, sem dúvida, *de luxo*, requintadíssimo nos seus relevos dourados. Isto ocorreu em Agosto de 1978. Ainda hoje conservo esse *bubú* da amizade e da fraternidade.

As ministras e os prisioneiros

As rotinas prosseguiam. Percebemos que o programa destinado a ambos, baseado em deslocamentos no interior dos acampamentos, cobrindo distâncias nunca superiores a 20 quilómetros, conheceria um momento *excepcional*. Era o que ambos intuíamos.

Uma manhã, estivemos de visita a alguns membros do Governo *provisório* da RASD. A visita à ministra da Administração Local terá sido a mais significativa. Mulher de alguma imponência, vestia de negro, túnica e panos negros. Cara redonda. A cabeça, coberta. Muitas mulheres da RASD vestiam de negro. Explicaram-nos que havia muitas viúvas de combatentes. A ministra detalhou as atividades do seu ministério, similares às do modelo europeu de Administração Interna. Talvez de maior âmbito interventivo. Preocupações com a segurança, a circulação, e também com as escolas, a saúde, a alimentação. Uma ministra preocupada, mas serena, muitíssimo serena.

Nos acampamentos, ninguém se intimidava. Viver as inclemências do deserto e, em simultâneo, harmonizar “o que é preciso fazer”, não perturbava nenhuma das responsáveis do Governo – vestidas de negro, todas. Nem mesmo quando irrompiam, ameaçadores, nos céus, os *caças* “Mirage”, de fabrico gaulês, da Força Aérea marroquina. Altura em que, por norma, as pessoas buscavam refúgio nos subterrâneos.

Coube-nos, também, descer aos subterrâneos por mais de uma ocasião. Os “Mirage” surgiam de rompante. E mesmo sem *caças* marroquinos à vista, as descidas ao subsolo aconteciam. Nos subterrâneos convivíamos, muitas vezes, com dirigentes mais velhos, entretanto chegados aos acampamentos. Servia-se, com requinte e alguma solenidade, chá de menta, o que mais nos deliciava, ali, no deserto. Os veteranos da RASD falavam-nos da postura da Mauritânia no conflito. Esperavam do governo de Nuakchot uma “evolução” – a neutralidade – que isolaria mais o soberbo poder palaciano instalado em Rabat.

No décimo dia, depois do almoço e sob um sol deveras abrasador, seriam 14 horas, deslocámo-nos no todo-terreno ao campo de concentração que abrigava os militares marroquinos e mauritanos capturados nas esporádicas refregas ao longo do deserto.

Os prisioneiros marroquinos e mauritanos, sorrindo, bem alinhados, aceitaram os apertos-de-mão que lhes fomos, um a um, dispensando. Mahmoud animou-nos: “Eles percebem

o francês”. E em francês fomos conversando com os prisioneiros. Todos pareciam vender saúde. E, caso impressionante, expostos ao sol, aparentavam como que a fruição de uma praia algarvia em qualquer Verão... normal. Eu e o colega senegalês, com camisas sem mangas, cobertos, com o *amigo* lençol branco, da cabeça aos tornozelos. Comentei para o “polisário” Mahmoud: “Estes homens aparentam saúde e ... poderíamos dizer que encaram a sua sorte sem grandes preocupações”. Ao que o ativista respondeu: “Nem têm mesmo que andar preocupados. Eles cumpriram o seu dever, tanto os marroquinos como os mauritanos. O único destino que lhes reservamos é a libertação, não poderia ser outro”.

O prisioneiro marroquino Ayouch ofereceu-se ao diálogo. “Vocês comem, todos os dias, o suficiente?”, propus-lhe eu. “O suficiente? Sim. Ninguém passa fome neste lugar”, replicou o soldado, sorridente. Mahmoud acha curial advertir: “Uma ou duas vezes, por semana, estes prisioneiros comem carne. Às vezes, carne de boi ou vitela que nos chega de fora. Não vemos nisso um privilégio, mas lembro que nem sempre o nosso povo come carne...”. E quanto ao futuro, o mesmo prisioneiro marroquino mostrou-se sem cuidados: “Ou o Exército (de Marrocos) ou, quem sabe, uma profissão na vida civil”.

No regresso ao acampamento, era visível, nos semblantes, a satisfação dos ativistas e guerrilheiros da Frente Polisário – a visita, pensámos, resultara muito esclarecedora da política da RASD em matéria de prisioneiros de guerra. Para eles, os nacionalistas, como frisou Mahmoud, era “importante, deveras importante, que jornalistas alheios ao conflito vissem com os seus próprios olhos como o humanismo da RASD” se traduzia “em atos”.

Os camelos “civis” e “da guerra”

O pequeno oásis que muito escassa sombra oferecia ao poço de onde se extraía a água, nesses quotidianos-braseiros... parecia desafiante: ali, observando o infindável deserto, a tentação de explorá-lo era constante. Víamos o lento desfile dos tuaregues, com os seus camelos, os seus rebanhos. Vida nómada em terra seca. Os ativistas da Polisário davam como certo que os tuaregues se dividiam em duas categorias: os homens livres e os escravos. Desses dois segmentos derivavam os vassalos, os artesãos, os sacerdotes e os guerreiros. Latif, o meu inseparável companheiro de aventura, por ser senegalês conhecia as andanças dos *djilas*, também conhecidos dos naturais da vizinha Guiné-Bissau. Daí o coincidirmos na similitude entre os *djilas*, oriundos da Guiné e de outros países do Oeste Africano, e os tuaregues com as suas grandes caravanas comerciais cruzando o majestático deserto.

Uma manhã acompanhámos vários guerrilheiros da Frente Polisário na visita a um “velho sábio”. O ancião residia a alguns quilómetros do nosso acampamento, algures na região de El Aiún. Apeámo-nos junto da casa, um pequeno barracão, e logo reparámos num camelo postado à entrada, animal em estado lastimoso, com feridas, muitas moscas revolteando em seu redor.

Seguindo os preceitos, descalçámo-nos, todos, e entramos no casitéu. Connosco, além de Mahmoud e Brahim, vários dos veteranos, homens de mais de 60, 70 anos. O anfitrião, sóbrio na afabilidade, olhou-nos, curioso. Enfim, jornalistas.

Sentados no solo, pernas cruzadas, diante de uma mesa baixinha mas de largo comprimento, todos nos olhámos, em silêncio, por momentos. E começou o “discurso” de boas-vindas do anfitrião, em árabe. Logo seguido da “abertura dos trabalhos”. (Não entendemos uma única palavra. Mais tarde, sim, os dirigentes da RASD explicar-nos-iam em castelhano o que ali havia estado em discussão). Houve um momento em que o anfitrião, sábio homem do deserto, suspendeu a dissertação. Uma pausa, digamos, para que duas

senhoras da família começassem a distribuir leite pelos visitantes. O mesmo utensílio, uma velha tigela de latão, girava, de forma pausada, de mão em mão.

Na tarde do dia seguinte, nova incursão no deserto. Desta feita, o todo-terreno transportou-nos para mais longe, para uma “fortificação” ou quartelamento que funcionava como centro de formação de novos soldados-guerrilheiros da Frente Polisário. Lá chegados, os líderes locais levaram-nos para os subterrâneos. Apresentações. E chá de menta. Desta feita, os chefes militares locais falaram em castelhano. Disseram-nos da “imensa coragem” e não menor “disponibilidade sincera” dos jovens para arriscar a vida pela pátria saharai. Que, no essencial, os saharais “defendiam-se”.

Era verdade, “defendiam-se”. Acima de tudo, “defenderem-se” do inimigo marroquino e, em menor escala, do mauritano. Mas em ações de contra-ataque, sabíamos nós, a Frente não hesitava em prolongá-las, atacando os guardas fronteiriços em posições vizinhas da capital mauritana, Nuakchot. Aí, alguns camelos intervinham, militarmente, na contenda: além de meio de transporte, os quadrúpedes, deveras inteligentes, serviam, deitados nas areias, de escudo – uma precaução-limite dos guerrilheiros saharais.

Uma primeira abordagem nossa, junto de um quadro da guerrilha, no sentido de nos permitirem acompanhá-los em alguma incursão na fronteira da Mauritânia, ficou sem resposta imediata. Esta nunca surgiria, mas também é verdade que, até ao nosso regresso à Argélia, não tivemos conhecimento de qualquer surtida da Polisário na fronteira da Mauritânia.

No centro de formação de jovens combatentes, assistimos a parte dos exercícios da jornada. Na altura do marchar e do marcar passo, notámos que um camelo “militarizado”, de imponente silhueta, tomava parte, também, nos exercícios. A dada altura, diz-me Latif: “Olha bem, o malandro do camelo faz que marcha, mas não levanta sequer as patas do solo. Olha com atenção”. Dei-me logo ao exame e vi que, de facto, o dromedário movia apenas a zona lombar, poupando-se à *trabalheira* pernil...

O pavor de uma hemorragia

Estar, dias a fio, no deserto do Sahara, andar ao sol, de cabeça coberta as mais das vezes, e pouca água beber, por pouco confiável, sem sofrer insolações, parece ou deve ser... *obra*. À hora do segundo banho, lá pela tardinha, nas proximidades da nossa tenda, íamos ao poço e enchíamos várias latas. Arremessávamos a água, um ao outro, num improviso que resultava. A saúde tranquilizava-nos. Fadiga ou dores de cabeça, nem por sombras. Estávamos, isso sim, mais magros. Eu via-me “esquelético”, mas forte. Outro indicador: nunca ouvimos falar de doentes ou faltas de assistência nos acampamentos. Até que...

A meio de uma certa tarde, já de pleno aclimatado, estabilizado, normalizado, fui acometido de uma violenta hemorragia nasal. Tronco nu, o sangue, abundante, de pronto invadiu-me o peito, barriga, pernas... Estalou o alarme nas *fileiras*. O alvoroço tomou todas as tendas à volta. Os lenços que eu conservava encharcaram-se.

Estendido no solo, achei a coisa normal – tanto sol, tanto calor, algum preço, como nos meus tempos de adolescente em Angola, eu pagaria. Como agora podemos todos constatar, não sucumbi. E desses momentos guardo um *signal* de que, no dia em que a RASD, a República Sarauí, for uma realidade, nela teremos um país – o contrário de outras colónias – com cabeça tronco e membros.

Aconteceu que, decorrido menos de um quarto de hora, e comigo prostrado, percebi sobre a tenda o rumor de um helicóptero, chamado, via rádio, pelos dirigentes dos acampamentos. Com emoção, vi surgir, de rompante, um homem de grande estatura, o “médico

de serviço” em El Aiún. Vestia uma larga túnica branca, aquele gigante. Um comprimido “debaixo da língua”, para começar. Acho que me deu para adormecer, por instantes. Coisa rapidíssima. De novo consciente, voltei a escutar o rumor das hélices do helicóptero, que se afastava. Missão cumprida – acampamento em paz. Assim se *resolviam*, no oceano de areias escaldantes do Sahara, os quotidianos da Frente Polisário.

Fomos embora, numa manhã de fins desse memorável Agosto de 1978. Rumo a Argel. Pesarosos, inconformados, por entre abraços. Deixei ali, talvez, o melhor, o mais vibrátil, o mais tocante da nossa história de repórteres sem fronteiras, sem amarras, livres, nos lugares que são os nossos *lugares certos*.

As confissões de Mohamed Abdelaziz

Era noite cerrada e o luar dir-se-ia timorato quando, com trejeitos de coisa misteriosa, entraram na nossa tenda Mahmud, Nasser e Brahim. Com eles, outro jovem, que desconhecíamos.

– Há uma boa notícia para vocês, disse-nos, com alguma solenidade, Nasser. Perante a nossa mal disfarçada e compreensível perplexidade, acrescentaria, por seu turno, Mahmoud: “Vocês vão conversar com uma pessoa importante, muito importante. E não vale a pena imaginarem isto ou aquilo. Conversem com ele, ouçam-no com atenção, sabemos que vão ser comedidos e competentes nas vossas perguntas... É a pessoa mais importante”. E lá fomos nós. A “pessoa importante” estava sentada sobre uma almofada, no solo. Era, evidência das evidências, Mohamed Abdelaziz, o já então aureolado secretário-geral da Frente Polisário e presidente “exilado” da República Árabe Sarauí Democrática – RASD. Um homem que, depois dos cumprimentos, falou sempre em voz baixa. “Quero agradecer-lhes, em nome de todo este povo, o esforço que a simples presença, aqui, lhes exige. Muito obrigado. Estamos todos, aqui, na extremidade ocidental do deserto. E temos por perto o Atlântico – mas a vida é dura”. Primeiras palavras do líder sarauí.

Algo sabíamos das origens beduínas de Mohamed Abdelaziz. Das suas andanças e vivências marroquinas, quando universitário. E de como ele havia bebido do cálice rebeliônico do nacionalismo sarauí, mola propulsora do levantamento em armas, em 1973, contra o colonialismo espanhol. Cabia-nos, agora, tentar obter, de Abdelaziz, a sua visão dos acontecimentos em curso no próprio deserto – a resistência psicossomática, a exposição à placagem militar exercida pelos regimes de Rabat (Marrocos) e Nouakchott (Mauritânia), as vias diplomáticas possíveis.

“O povo sarauí já experimentou, e continua a experimentar, na própria pele, as consequências da insubmissão, que é coletiva” – diz Abdelaziz, atendendo à primeira das questões que lhe coloco. “Todos pagamos, iremos pagar, sempre, pelo menos enquanto não formos donos das nossas decisões e da nossa vontade de sermos independentes”, prosseguiu. “Os senhores viram como todos resistem, participando no esforço. Temos muitas mulheres em cargos de muita responsabilidade. Queremos prevenir já o futuro, mostrar o que iremos querer que seja, como país independente, a nossa República. Para tal, estamos a educar os mais novos. Nas atuais condições de dureza, aprendemos e evoluímos para, amanhã, sermos ainda mais capazes”, sentenciou, em voz baixa, sempre, o secretário-geral da Polisário.

Anunciam-se mudanças na Mauritânia. O que vinha sendo presidente, Ould Daddah, foi “destituído”, houve um golpe de Estado em Nouakchott. Estão aqui alguns prisioneiros mauritanos, além dos outros, os marroquinos. Esta situação na Mauritânia favorece os designios da Frente Polisário e da RASD?

– Por enquanto, observamos. A fraqueza ou as perturbações alheias pouco nos dizem, principalmente quando, como neste caso, o da Mauritânia, não há contornos muito definidos. Tanto da Mauritânia como de Marrocos o que desejamos são boa diplomacia, boa política, boa leitura da História para melhor entenderem o significado da nossa luta. Agrada-me saber que os senhores estiveram junto dos soldados marroquinos e mauritanos que capturámos. Como nós, são seres humanos e como tal devem ser tratados.

Faz-se algum silêncio, por momentos, que o próprio Abdelaziz rompe, ao considerar: “Nós insistimos em forjar vias próprias, mesmo quando dizem, e é verdade, que exploraremos todas as possibilidades junto das Nações Unidas. E quando nos acercamos dos espaços políticos que os regimes democráticos europeus sugerem. Vamos, iremos devagar”.

A Argélia tem sido, observo eu, decisiva para a luta, a resistência sarauí. É uma garantia acaso considerada definitiva pela Frente Polisário?

(No acampamento falava-se, de modo furtivo, do “estado de saúde”, delicado, de Houari Boumediène, desde 1965 presidente da Argélia).

– Definitiva, filosofou Abdelaziz. É a nossa determinação.

– O socialismo, pergunto eu, poderá vir a ser uma opção? É algo que, noutros tempos, nos anos de 1960, causou alguma perturbação na própria Argélia, agitou ânimos. Boumediène e Ben Bella não coincidiam na apreciação do modelo...

De novo “à defesa”, ou comedido, disse o líder da Frente Polisário: “Os modelos podem discutir-se. Nós não somos, como a Argélia, um país livre, independente. Poderá imaginar o que são para nós as prioridades. Vamos observando o mundo. A África Negra, como a chamada África Branca, estão a viver situações totalmente novas, vejamos o que aconteceu, desde 1974, na África Austral. Cumpre-nos estar atentos, perceber os fenómenos, não damos importância à antecipação de cenários políticos. Não podemos, nem devemos, estabelecer polos de comparação. Certamente que as experiências coloniais têm pontos comuns, mas há diferenças entre os respetivos processos...”.

– A Argélia, portanto, apesar da ajuda, das boas relações, não servirá de modelo...

– De exemplo a seguir, quer você dizer? sussurrou Abdelaziz, para logo concluir: “A Argélia viveu, nos termos próprios da sua identidade, da sua história, o debate ou os debates que lhe correspondiam. É um grande país amigo e irmão. E, na nossa região, a Argélia é importantíssima.

O secretário-geral da Frente Polisário pronunciava-se, naquela “noite fechada” sahariana, quando na Mauritânia o novo poder buscava, ainda, traves de sustentação interna. Em Dezembro, a presidência mauritana iria ser assumida pelo coronel Uld Taya. Da herança diplomática do defenestrado Ould Daddah constariam, por certo, “compromissos” de tréguas e políticas de proximidade com Argel e a Frente Polisário. O ministro dos Negócios Estrangeiros do último governo de Houari Boumediène era Abdelaziz Bouteflika, atual presidente da República da Argélia.

(Boumediène tinha os dias contados. Morreria não muitos meses depois desta nossa conversa noturna, em pleno deserto do Sahara, com o hoje também já desaparecido líder da Frente Polisário).

Significativas, para os “sonhos” libertários do povo sarauí, haviam sido, em 1977, as assertivas de um dos discursos mais acutilantes do muito debilitado Boumediène, o da sua “despedida”, dir-se-ia. O argelino que mais ajudou e defendeu a Frente Polisário fez, nesse grande exercício oratório, acusações e advertências contra “novas formas de colonização”. A França iria, de pronto, acusar os “efeitos” desse discurso, perturbador, afirmou-se então, dos seus interesses no Gabão, no Senegal, no Mali, na Costa do Marfim... Contudo, hoje, com uma titubeante, imprevisível e *dividida* União Europeia a semear ventos e colher

tempestades, o discurso premonitório de Boumediène vibra, de novo, em não poucas consciências.

Grande seria, agora, a decepção de Mohamed Abdelaziz, observando, por exemplo, na ONU, o triunfo da inércia e da impotência – quando vemos as reivindicações do nacionalismo sarauí acantonadas no podreduro da indiferença e do calculismo mercantil das democracias ocidentais.

Se visse ainda, Mohamed Abdelaziz encontraria, hoje, no derradeiro discurso de Houari Boumediène, a mais visceral das explicações para o abandono, pela União Europeia, da justa e inatacável causa dos nacionalistas que pugnam pela sua República Árabe Sarauí Democrática.

Mais do que nunca, penso que a morte de Boumediène demoliu, em grande parte, o edifício das expectativas nacionalistas do povo do Sahara Ocidental.

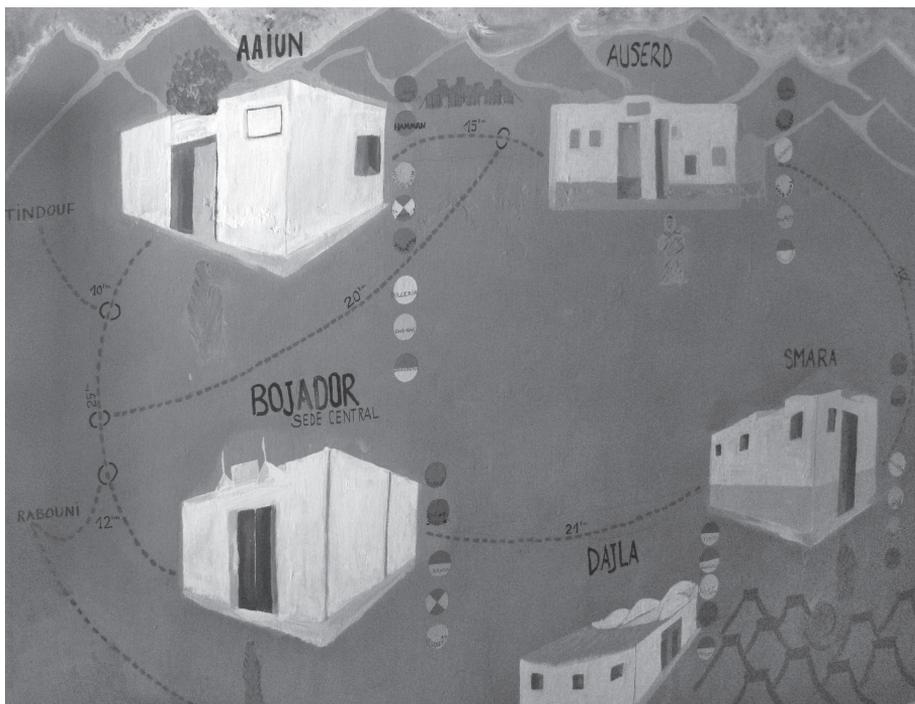


Ilustração 01 – Graffiti sobre os acampamento. Campo Boujdour 20018. Foto: Carmo Matos.